



CRÔNICAS

Francisca de Lourdes Souza Louro¹

CRÔNICA UM

E o menino travesso, olhar aguçado de desejos escondidos pelas lunettes escuras, não se protegendo do sol, e sim, da curiosidade que podia despertar nas doces donzelas, passeantes na orla da cidade, às margens do rio Solimões.

Encaro o aluno e pergunto:

– Que fazes aqui gente miúda?

– O jitinho responde!!!

– Tô Tarrafeando, professora!

Fiquei pensando nessa resposta, constatando a realidade aplicada à experiência do homem amazônico. Assim percebo que as “pacas” estão em extinção, senão ele ainda “paquerava”, aí, como esse novo estilo o jitinho reborda o texto da vida com as atitudes práticas do dia a dia.

Assim, quando o celular se treme, é a boia avisando que tem peixe na malhadeira. Peixe fresco na rede? É correr pra Ticar?.

Na mesma esfera, tem a história dos polinizadores de flor de maracujá. Se a abelha não fez, fazem os curumins da aldeia. Por isso, em voz solene, sai a máxima dos meninos avisando à professora: Amanhã nós num vem estudá porque temo de imprenhá. São as pequenas e delicadas mãos que fazem o fruto brotar e colorir nosso sabor. A polinização é feita pelos morcegos ou os pássaros, e na pressa de colher os homens contratam crianças e mulheres para fazer essa fecundação. A natureza humana vive de acordo com as oportunidades da experiência. E eu aprendo a contar lorotas ouvidas na sala de aula. Saudades do meu JANAUCÁ

CRÔNICA DOIS

Na véspera da Semana Santa, rememoro sobre o Natal que passei com minha cunhada, um pouco de nós com muito amor mais que humor. Desculpem confessar esse

¹ Graduada em Letras – Língua e Literatura Portuguesa pela UFAM, Especialista em Literatura Moderna e Pós-Moderna pela UFAM, Mestrado e Doutorado em Poética e Hermenêutica pela Universidade de Coimbra-Portugal. E-mail: lourdeslouro@yahoo.com.br

dia aqui, é só para fazer picuinha familiar, e ssas coisitas não podem ficar na cabeça só martelando, tenho de cuspir na rua pra os alguém.

Enquanto estudo, ouço na rádio o Padre convidar a cristandade a fazer confissão e comungar para a rendição do pecado e sentir em paz nesse tempo de Páscoa.

Mas o tico bateu no teco e veio-me as lembranças do Natal passado. Fui convidada para ir à missa com minha cunhada. Me esforço como boa visitante, claro, aceitei e curiosa quis assistir ao ofício religioso lá na Sologne.

Na hora da comunhão, caminhei até a fila no centro da igreja, atrás da cunhada. Ela, sentiu meu cheiro, virou-se mais que ligeira e, ríspida, com os olhos injetados de admiração e censura sobre mim, foi taxativa: - "Tu não podes comungar, Tu não confessaste Teus pecados para o Padre". Olhei para ela e risquei no ar: - Cunhada, hoje, ao levantar, conversei com o travesseiro e pedi licença, sacudi meus pecados no dito travesseiro da cama e eles ficaram lá chorando por mim. Eles sabiam do meu desejo secreto de sentir o sabor da hóstia francesa, e aceitaram ficar lá, esperando pelo meu retorno. Embora estivesse determinada, sai da fila enfurecida e muito frustrada, sair sem o sensabor da hóstia! Voltei para casa desalentada, tive de esperar pelo curto espaço de esperar chegar a noite, para recolher meus "trastes pecados", que não são muitos, mas os poucos são de muito afeto.

Em intimidade do lar, tasquei na cara da minha cunhada: - Agora tu carregas o pecado de me tirar da fila e de não sentir o sabor do corpo do cristo francês, isso tu deves confessar ao teu ouvidor de picuinhas familiares e religiosas. Diga, que a tua cunhada, a outra brasileira, foi à igreja, e saiu sem a fortuna da graça da comunhão por motivos óbvios - não tinha ajoelhado para contar mentiras criadas para dar ofício a outro pecador - o padre. E meio frustradas (acho que inteiras já que éramos em duas) sentamos à mesa para comemorar o Natal em família, um bem que me faz bem.

CRÔNICA TRÊS

Uma historinha de fuxico na grande e na pequena cidade tem a mesma extensão ou proporção.

Vejamos: abismei de saber do Amor da senhora de andar curvado, balançado mais pra esquerda que pra direita, cabelos todos brancos, e irritada, porque o Namorado estava doente: Doente de saudades dos aconchegos da cabocla que veio pra cidade.

O filho e a nora tiraram a velhinha do calor doentio do amante à moda antiga, agora é obrigada a viver o amor da era moderna, Watizapeando, ou telefonemiando que ouço da janela. Decidiram a\$\$im, não e\$tava \$obrando nada da apo\$entada para o\$ provento\$ da ca\$a. Determinaram, cada um no seu canto. E ela, chorosa e bruta com todos, sentida, pela falta dos beijos babados do amor rejeitado. Ambos de 84 anos caíram na desgraçada infelicidade de obedecerem aos mais novos.

Os filhos desempregados não podem suportar ver paixão entremeada de astúcias financeiras devido à necessidade. Agora, amor entre apaixonados, também precisa de anuência de filhos? Mas, histórias de amores infelizes, eu conheço de cor. Fazem fila, nesse tema os jovens - Romeu, Abelardo, Tristão... E, uns outros que aqui não caberá dizer. Há uma enorme fila de dissabores nesse tema de desamores.

Bom sábado.

CRÔNICA QUATRO

Então... o táxi levou as destemidas meninas para a missão do “é teu tens de receber”. E, o condutor do táxi, conta uma história inusitada, como inusitada também foi este propósito de entregar o livro ao destinatário lá em Conimbriga. Muita teimosia do doador e do recebedor. Livro e fotografia, papéis do destino. E eu contornando mais uma rotunda da vida! E fomos ao museu da direita, não é cá minha menina, é no da esquerda, ora pois, e vá mais na frente, veja lá na biblioteca. Aí, percebi, claro, era um livro e livros têm sempre espaço na prateleira da biblioteca, o lugar de todos os saberes, e fomos. Siga sempre à direita, contorne a rotunda, estás a perceber? Pois, isso são rodopios da narrativa para iludir o leitor. E ouvi o fato inédito de contagem de fatos e fotos. E o livro viajando, ouvindo... E, o condutor confessa às meninas.

– Levei dia desses um senhor que veio do Brasil. Tinha o gajo, uns oitenta e outros, talvez mais anos, mostrou-me uma fotografia desbotada, como a memória do dito.

– Quero que me leves em São Pedro D’Alva... e quero encontrar este Pé Lourinho e esta casa bordada na fotografia em papel muito antigo. Foram.

Os dois senhores, procuraram o pé lourinho e não divisando, pararam e perguntaram ao primeiro passeante.

– Ó pá! veja lá Sinhore, “com a foto na mão”, sabes onde fica um pé lourinho neste sítio?

– Ó pá, está na vossa frente, isto aí tomado pelo mato, e a casa é esta, era de um primo meu, mas foi-se embora para o Brasil e nunca mais voltou.

O oitentão então reverberou: - Então, és lá meu parente?

– Nunca vi a vós, e esta casa não é vossa, era de um tio meu e está fechada desabitada de vida.

Pronto!

A família se reconheceu e as histórias foram reavivadas e a fotografia pegou novas cores.

Ah! O livrito? Foi deixado na portaria da biblioteca para ser apreciado: Arte da História.

CRÔNICA CINCO

Domingo é dia de visitar o Pai, já velhinho e cansado da vida. E já vejo nos olhos nublados, a ausência do viço da vida, sinto a presença da inimiga saudade querendo dar o abraço em meu pai, levá-lo para o longe de onde não se volta nunca mais.

Mas digo:

Tem Raimundo no mundo vivente, ainda muito tihoso que nem mula. Coração fraquito, suspiroso e muito teimoso.

– Quer ir no hospital não, homi de Deuso,

– Hospital pra quem? Tem horas que fico bem respiroso que nem minino novo

– Pai, no hospital, o médico cuidaria um pouco mais dessa falta de ar.

– Não falta ar, falta é espaço no peito pra esse amor que me destrói a vida.

– Muitas mulheres passando e eu aqui, respirando a saudade de lembrar que tu catavas as espinhas do peixe desde pequena.

São essas lembranças que me sufocam a alma, e suspiro, e respiro, e me esvai a vida que está dividida pela dor de não te ter sempre comigo.

São essas boas lembranças que tenho das conversas com meu Pai.

Homem, continue na teima de viver, por favor, esse amor precisa de ouvir.

CRÔNICA SEIS

Um desenho da vida moderna nesse mundo de entretenimento virtual.

– Teu nome?

– Menino,

– Menino de quê? Fez-se surdo. Assim é a juventude, não vê e não ouve.

Mas... Menino tu troças comigo o prazer do sorriso, as gaiatices do vento, o sonho dourado de talvez não realizar. Mas, confesso-te uma coisa, uma só, sabes acalantar-me o peito doce que te acolhe na calada da vida com sabedoria de gigante. Isso. Mas... como será tua voz? Eu que nunca te vi. Nunca te ouvi, como posso dizer que te quero bem? E o BEM vem dito de lá também. Pior, Acredito! E leio, sim temos encontros de leituras e risos e confissões. E fico a imaginar o sorriso, por trás das barbas (sim, disseste-me isso: tenho barbas) que, tenho a certeza, ainda te vão arrancar, com pinça, para saberes a dor travessa do amor que um dia podes sentir... Menino, contigo sinto os amigos que não vi, não ouvi, mas vivi.

Então... Minha velhice olhou pra mim e perguntou:

– O que faço ou desfaço pra que rias dos desaforos amorosos que a vida planta no cotovelo, no coração, no regaço da vida?

Eu respondi:

– Quero riscar na pele o nome da minha paixão.

E fui consultar o TATOO.

CRÔNICA SETE

Falei para o meu curumim ontem ir buscar uma encomenda nos Correios, depois que saísse do barbeiro. Recomendei para não perder minha carteira de identidade e se o pacote fosse pesado, passaríamos depois pra buscar.

Quando chegou, me olhou e disse:

– Só tinha isso!

Era uma carta da minha querida tia!

Deixei passarem alguns minutos e o menino me perguntava: por que você não abre logo?

Porque quero apreciar a "pré-felicidade", expectativa (a tal boa demais Vorfrende em alemão).

Abri a carta. E o menino curioso com o papel da carta pergunta:

– Você também usava esse tipo de papel no Brasil? Você também escrevia cartas?

A vontade era dizer: me deixa um momento quieta, mas entendi, já que é tão raro receber uma carta, o que deixa mesmo os mais novos perplexos e alheios ao sabor de escrever e receber cartas.

E, contando isso à noite, alguém me perguntou se era minha tia mesma quem a escrevera.

– Sim. Com oitenta e cinco anos e dificuldade na visão, não a inibem de escrever com uma caneta tinta azul, zelar pela ordem dos padrões de uma epístola familiar, endereçar e expressar com palavras seu carinho, contar fatos, dar notícia...

Ah! Tem o cuidado de fazer uma carta registrada.

Fiquei refletindo, como, às vezes, me reduzo com aquelas caretas já prontas aqui. São até bonitinhas. Basta apertar aqui um botão, depois de escolhida. Pronto, acabou ali.

Já as cartas de minha tia, posso fazer uma releitura, guardá-las numa caixa de sapatos, e consultar quase que às escondidas sempre que a lembrança e a saudade chegarem.

CRÔNICA OITO

Ouvi uma gaiatice aqui, no meu país: a grávida foi ao hospital com pressão alta. O médico mandou-a pôr os seios para fora da blusa. E disse à gestante:

– A senhora não está grávida. Ela teimou e disse que sim, tinha o exame. Conclusão: O médico não era obstetra nem gineco, o desgramado era Oftalmologista, na função errada, mas fez exame de toque e visual, malandragem humana?

Aí, lembrei que estando eu no país alheio e, com dor no dorso do pé esquerdo, (em mim tudo é no esquerdo) fui levada ao médico para ser consultada.

O digníssimo abriu a porta e entramos, eu e minha cunhada Pepy.

Queixei-me: e minha cunhada traduziu meus sentimentos de dores. O médico ouviu-a e mandou que eu “tirassem” a roupa e deitasse na cama. Gastei pouco e gostei muito. Fui pegada desde os cabelos até os pés. Paguei 20€ pela pegação das mãos rudes de unhas sujas do francês. A dor? Curei com melado de copaíba, coisas de índia mesmo.

CRÔNICA NOVE

Amanhã é dia da mulher. Tirarei folga para catar o que resta em mim como mulher. Porém, amanhã, vou vestir um vestido bem florido para enfeitar meu jardim, o

corpo quase escultural que ainda tenho, farei maquiagem, para encobrir umas teimosas rugas que me ruscam o rosto, “quase perfeito”, que um dia tive. Porei no tocador de música, a canção que mais dancei com os namoradinhos que muito beijei. Comprarei o chiclete de caixinha amarela, do mesmo que masquei fazendo fita de: num tô nem aí pra vida que quero ter.

Ah! Não usarei *soutien* para amparar os desvalidos peitos que deram de mamar três chupões que tive o prazer de ser: mãe.

Prazer hoje, viu!!!. Ontem, no passado, deram-me muito trabalho.

Também, esperarei pela chuva para lavar os pés na água da sarjeta, onde muito fiquei esperando pelo trem da vida que sempre atrasou.

Ser mulher foi desgastante, gastou-me os dentes, de tanto roer os ossos dos dias de fome que um dia passei. Gastou-me a visão, pelas muitas noites lendo, na parca luz das lamparinas, os romances que me davam ilusão e acreditava que um dia seria eu, a donzela arrebatada por um cavaleiro que me conduziria pelas Vias Romanas.

Amanhã é dia da mulher !!! Deve estar guardada, ou escondida, quiçá, em alguma gaveta velha, a mulher que habita em mim e que ainda será feliz.

CRÔNICA DEZ

A Pobrezinha no Supermercado de gente pobre.

Esse melão custa trinta e cinco reais, a Senhora vai levá?

– A Pobrezinha se recolheu na insignificância e respondeu mais por orgulho que por disponibilidade financeira:

– SIM, VOUuu.

Depois, pensou e disse à Caixa: – Tive a impressão de que você leu na minha cegueira que não posso comer melão, é verdade?

– Ao que ela respondeu:

– Os outro freguês agradece quando eu aviso que o melão é caro.

– Mas, eu vi o preço, está bem em cima, onde esse amarelinho empambado estava amontoado. Empambado pelo pálido amarelo que tinha, deve ser esse o motivo da exorbitância no preço, pensei.

– É, que tem freguês que quando chega em casa confere as compra e acha caro o melão. Ainda perguntei, - Moça! Diz-me, é o Gerente quem te manda advertir os pobres do preço do melão? Calada ficou.

Bom, essa foi só mais uma das tantas discriminações de que padeço no comércio. Essa mania de julgar o indivíduo pela aparência. O preconceito existe na fila do Banco, como uma vez quiseram me pôr para fora de um tal de cinco estrelas, na fila do supermercado, na loja de tecidos... Acredito que nem plástica é capaz de tirar essa marca de pobreza que há em mim. Mas hoje foi a gota d'água. E acredito que melão é a fruta que toda mulher devia plantar.

CRÔNICA ONZE

O papo moral de hoje é a história da Pobre e da Pobrezinha, duas irmãs que saíram atrás de comprar pano pra cortina, no desejo de enfeitar a cozinha da casa da Pobrezinha. Entraram na loja, bisbilhotaram de cara pra cima, olhando prateleiras, povinho pra gostar de olhar, olhar, e nada comprar.

Mas, o vendedor mostrou uns tecidos bonitos, rendados, fato que encheu os olhos da Pobrezinha que insistiu em saber o preço do metro do tecido.

Dito o valor, a Pobre confidenciou à Pobrezinha:

– Minha irmã, uma cortina bonita e cara só pra enfeitar uma cozinha, onde só cozinhas feijão e arroz. A Pobrezinha logo rebateu:

– Por isso, a cortina vai alegrar a cozinha pela falta do misturado que está caro.

CRÔNICA DOZE

Trimmm, trimmm o telefone toca, corro para atender.

– Pronto!

– Conte como está o dia no Brasil. Conte as novis.

Então, faço os relatos aos sopapos de risos que a amiga me proporciona, esqueço o preço da carne no açougue, a cebola pro tempero e o sal pra adoçar o dia. Do outro lado, a voz Parintins, realça a chuva que cai e me traz alegria de lá do país Döit.

– Que bom, minha mui amiga Cairé, mulher de muita autoridade, pura representante da comunidade diplomática, lembrando que preciso de riso e pouco siso. Perguntei pelos bacuris e como estão os cabelos mais lindos que os de Iracema. Cheia de sabedoria professora: dando trato na imagem para a semana que vem, vou

brilhar. A preocupação com a imagem faz do cenário do futuro um grande evento da primeira comunhão dos dois mais lindos futuros comedores de hóstias.

Depois vieram as fotos do regalo do dia e enchi-a de perguntas indiscretas:

– Refletindo ela confessa: – A beleza que carrego está na simplicidade de ser brasileira.

– E quem é a nobreza de chapéu ao teu lado?

– Hum, a nobreza veio do País de Gales, muito chapéu e pouca pompa.

– As mulheres, por hábito, mantém a tradição de sentir vaidade da cabeça aos pés. Bem a propósito, o chapéu e os sapatos da gringa estavam fora do padrão. Os pés andam para dentro, feito papagaio e o chapéu, atrapalhava o olhar, assim ela não podia me ver aqui do Brasil. Falamos e rimos da pessoa que ela é. E chegamos ao veredito: As Camilas inglesas são mesmo feiasas.

CRÔNICA TREZE

Uma crônica suja. Ontem Maria foi ao comércio da cidade. Entrou em uma grande loja e sentiu um reboleio dentro da barriga. Sentiu que não daria para controlar a briga das tripas finas, dando tapas nas tripas grossas, pedindo passagem para o evento de saída. Segurou a respiração e perguntou à atendente.

– Moça ! (Pra ser simpática) você tem abridor de latas?

– Sim, temos.

– Quanto custa?

– Quatro reais.

– Quero um.

– MOÇA! aqui tem banheiro? (já tinha acontecido o pior).

– Tem, sim. Suba as escadas, à direita está desenhada na porta uma mulher.

Coitada da Maria. Trocando as pernas, segurando a respiração e a alma atormentada, subiu, já estava para subir nas paredes.

Entrou no banheiro e viu e sentiu o estrago, tentou remediar só com água e descarga. Desceu as escadas, desconfiada, mas aliviada. A compra foi a desculpa, para ter acesso ao descarrego, que Maria levou quando saiu de casa toda enfezada do adicional da semana.

O preço pago no abridor, não deu direito ao papel.

A CRÔNICA DE HOJE

O marido liga para a esposa. Estava em trabalho na China.

– Como estão todos aí em casa?

– Ela responde:

– Em casa, na Alemanha.

– Tudo beinn, (sem muito ânimo).

Ele, conhecendo a Diva com quem casou, pergunta:

– Meu bem? está faltando cortesia nesse B E I NNN.

Ela ficou surpresa de perceber como o marido reconhece, até no B E I N, que a cortesia não estava presente, melhor, não é presente em um dia de cão na vida da brasileira.

A esposa tinha roçado o terreno em frente de casa para aproveitar o sol, e nascer os Girassóis. Que bom que chegou setembro, que floresçam as flores do meu jardim.

Mas como? Só plantas tomates.

DIA DE POBRICE

A mulher esperando o ônibus, embaixo de um sol de lascar, e ele chega e encosta na paragem e abre a porta. A idosa entrou, encarou o piloto com vinte contos na mão e disse:

– Tire uma passagem, quero passear e ter alegria!

Ele, também encarou e perguntou:

– A senhora tem quantos anos?

Pensei só comigo! O quem tem a ver vinte contos com a idade? Que humilhação a idade atravessa. O dinheiro na mão e o infeliz querendo mais? Quer até a idade da mulher?

– Mas, ele só disse: desça, entre por trás, idosa não precisa pagar.

Caracas: Tomara que as companhias aéreas adotem essa prática.

Dentro do buzão, a idosa papeou com a outra sobre os mesmos sintomas de velhice, encarando-se, uma disse a outra.

– Não me rendo à idade,

Ao que a outra respondeu!

– E eu só vim cirurgiar o zoio, não as pernas, por isso já andei o muito, e meu pai é Raimundo. Por isso ando no Mundo.

Ah! Ribeirão, como gosto de ver.

Um dia de Francisco(a):

Então... venho à ilha e vejo um “Quinho” (vem cá quinho); (tá quinho) sujeito largo no sorriso e no horizonte do conhecimento e CPG que muito admiro! Assim é Francisco amigo de uma Francisca de tempos idos. Aí sentam-se no bar para esperar a chuva passar, esbaforidos da correria. É isso, somos do país das águas, mas não gostamos de nos molhar na chuva. Respiramos e reinicia-se a parola do saber, ele e o Menino daqui (de Parintins adotada como pai(z), o mesmo que um dia foi meu parceiro de Coimbra, e hoje, é fanático torcedor do Caprichoso.

A ambos, que custo a ver, (talvez sejam pessoas muito ocupadas), vejo-os entregues às latinidades de Cícero, Plauto, entre muitos, e fico boquiaberta ouvindo e fazendo leituras dos ditos com categoria de latinities. Mas, hoje, foi um dia para descascar tucumã e de juntar as bocas e as orelhadas pra falar e ouvir poucas e boas virtudes. Foi, também, um tempo de encontrar e perceber que a conversa não saia da esteira da divindade, já que ambos foram de passado religioso.

Conversa difícil, quase politiqueira, ininteligível de ouvir os dois bocudos falarem, e eu, a orelhuda, querendo capinar palavras no esforço de entender o serviço num quase perfeito. Teve um “Zinho” da outra mesa que quis chegar perto, sim, um cientista do álcool querendo soprar fogo em nossa direção. Não conseguiu, gaguejava no assunto, papo de santidade não entendia nada, percebemos em boa hora, que o bebum não entendia de oficioso tema. Já a orelhuda, com muito esforço conseguiu ouvir uma coisa chamada de “Sofisma da Prosperidade”.

Isso, isso meRmo, coisas do bispado como os de Edir Macedo, RR não sei de Quê e do feioso Valdomiro, isso, esses mesmos que têm a riqueza arrancada do povo. São esses que têm sonhos de conduzir ao Céu. Eles, os fulanos já citados, já têm o céu (a vida boa, só para eles) e os alvos dessa coisa de ir pro céu (os que os idolatram) vivem no inferno da promessa de remissão dos pecados. Dão o que faz falta para o pão das crianças. E sem esquecer a maior de todas, a igreja do Santo Ofício, a Católica, essa que já fez churrasco de uma “Joana da França”. É de longa data o poder que corrompe a todos, até o mais próximo, vendeu a Jesus por um saquinho merreca de 30 moedas, mas

diga-se de passagem: de ouro 24 quilates. Isso, na época, conferia se era verdadeira com uma mordida na amarelinha.

Muita gente não percebe, mas pecar é oficioso, saibam que sem o pecado não há o bendito perdão. É por ele, que Deus Pai, oficializa a bondade eterna, sempre atende solícito para o perdão dos nossos atos “injustos”.

E, hoje, dois mil anos, depois da sexta Santa da morte de Jesus, ainda está valendo a lei daquele tempo, por isso, quem tiver nome de MARIA só pode tomar banho depois das 15h, isso ouvi no meu JANAUCÁ, e vivo da fé de ainda ser assim. Esse, porém me fez não nominar minha filha de Maria, nem meus filhos de José, muito menos Judas. Amém.

Então...

o garoto que não conhece a cidade onde mora, ganha um carro do pai. Preocupação para a mãe, sabedora de que o filho, conhece só os caminhos dos xopis, e mora bem pertinho destes, mas só vai de carro com o pai que o leva. “Paitorista” para tudo, isso eu abençoo. Mas

Um dia, a maluquinha da avó levou o netinho bundão pra conhecer a cidade, escolheu um carrão de nome Ônibus. Entraram, pagou passagem para si e ao pequeno, disse a avó à cobradora (mulher que guarda a grana do patrão) que era para ele se sentir pessoa, (já que é costume criança não pagar) nada de esfregar a cara da criança embaixo da catraca, chamo a isso de humilhação, mas, para outros é economia, e entendam, criança é criança, não tem ideia de cidadania nem de economia, nada sabe disso. Mas, meu Neto é meu Neto. Nesse dia ele ria, cantava, teve direito de sonhar que o pai poderia comprar um carrão daquele tamanho, para carregar os coleguinhas, e foi uma tarde de alegria. Mostrei a cidade que ele não conhecia, claro, com o tempo tudo se esquece. E não teve outro assim, claro, e fiz melhor, para compensar o que ouvi quando descemos do ônibus: Escutei o pai do menino dizer: tua avó só inventa passeio de pobre. Economizei e aos quinze anos, levei-o mais longe, de avião.

Mas voltando - também me preocupa meu garotinho sozinho de carro nesse trânsito maluco, onde pior, só na Índia. Mas a cidade é tua, meu querido, descobre as belezas que existem nela. Se precisar de alegria, vovó te acompanha.

Hoje não tive emoção, nem comoção, só invocação.

Me invoquei com o dia 6 de abril que não abriu as portas na dose certa. O desacerto começou no chuveiro, água fina que não molhava, suave em cima de mim. E peguei a toalha que de tanto esfregar no velho corpo engelhado, já está encardida da saudade de mim na juventude, e me enrolei na angustiosa amargura de não ter e nem ver, o meu antigo retrato na parede do quarto. Tentei sentar para o café, não tinha forças para dobrar as ancas, tadinhas, estão mastigadas da osteoporose. Tem pior, foi constatar que o pretinho nem quentinho, nem frio. Frio mesmo foi o amor que fugiu de mim. Dobrou a esquina com fúria, e foi furar fortuna na frágil figura feminina daqui do lado. Pobrezinha da vizinha. Olhe! Fique por aí, ou por lá, nunca mais volte nem de dia nem de noite, e aviso: Meu nome não é Psiqué. Juro, já abortei minhas saudades aos pés do limoeiro, pra me curar desse seu mau olhado que estava me coçando os joelhos.

Café na casa da irmã

No encontro do café de hoje, ganhei presente e ouvi uma história. Esta que vos conto.

Hoje, sentindo-me doente da cabeça, ainda tenho muitas saudades do médico que me atendeu no hospício. Moço branco, até que era bonito, e pensei, bem que podia me namorar, loucura é isso, imaginação, e ele virava os olhos e me piscava ordinariamente. Mas eu queria mais, e ele era só um estudante treinando para Psiquiatria. Aí, trolando conversa com os “colegas de viração dos miolos”, contaram-me que ele piscava muito para todos, era por medo da contaminação da loucura que habita o ambiente alegre, mas doentio escarrado nas paredes e nas celas de um manicômio. Um zarolho de frente do meu apartamento soube e contou-me, que quando ele recebeu do Dr. Orientador um “molho de chaves”, o branquinho olhou-as, experimentou na primeira porta e, cara a cara com a “santa do pau oco”, piscou, piscou e ela, de virados olhos no branquinho, sorriu e disse, esta casa é minha, seja gentil e me abrace com calor de amor. Ele assustado, piscou, piscou e derramou uma lágrima e saiu correndo porta a fora. Saiu tirando a bata e batia com a cabeça nas mãos, gritando: aqui não o meu lugar. Tive dó, moço tão bonito, estudou com amor e soube que de fato tinha um outro amor, e por ela, era capaz de ir mais fundo na profissão de Dr. Mas, não aguentou esta, onde eu estava manicomiada miando e latindo saudades da vida. Soube

que depois desse afronto amoroso de ser psiquiatra, o branquinho jogou as chaves na mesa do Dr. Orientador e foi-se embora pra não mais voltar. É, lá na minha antiga casa, tinha muitas chaves que abrem as portas de todas as loucuras do Mundo, imundo que está assolando o Brasil. A loucura quixotesca, não está mais em nós, foi expulsa com magia negra, ou branca? Magia é magia, foi. Hoje, ele está noutro manicômio, minha sorte ou dele, estamos de novo cara a cara. É, tem sina forte esse doutor, cuida agora dos idosos onde o esquecimento, gerado pela loucura da experiência, faz fita como histórias da minha vida.

Recebido em: 13/04/2018

Aprovado em: 29/05/2018

Publicado em: 01/07/2018